

DEPOSITO

18/2/98

de grandes

de grandes reportagens

N.º 13

1\$00 Esc.

A estatística actual dos carrascos de todo o mundo



ESPECTACULOS

Teatros

Nacional - 21 e 30 - «Cinco lobitos»
Avenida - 21,30 - «Meu crime»
Variedades - 21,30 - «Nobre Povo»
Coliseu - Companhia de circo
Apolo - 20,30 e 22,45 - «Zé dos pacatos»
Maria Vitória - 20,45 e 22,45 - «Viva folia!»

Cinemas

São Luiz - 15 e 21 e 30.
Tivoli - 15 e 21 e 30.

Condes - 15 e 21 e 15.
Central - 15 e 30 e 21 e 30.
Olimpia - Das 13 e 30 às 0.
Capit6lio - 21.
Chiado Terrasse - 15, e 21 e 15.
Odeon - 15 e 30 e 21 e 30.
Lys Das 14 e 30 às 19 e 21 e 15.
Paris - 20 e 45.
Sal6o Portugal - 15 e 21.
Palatino - 21.
Pal6cio - 21 e 15.
Europa - 21.
Royal - 15 e 21 e 15.
Eden-Cinema - (Rua do Alvito) - 21.

Promotora - (Largo 20 de Abril, ao Calv6rio) - 21.
Imperial - (Rua Francisco Sanches).
Sal6o da «Voz do Oper6rio» - 21.
Cine Oriente - (Penha de Franca).
Sal6o Ideal - (Loreto).
Cine Rossio - 21.
Musical Cinema Parque - (Par. Mayer).
Pavilh6o Portugu6s - (Par. Mayer) - 21.
Max-Cine (Rua Bar6o de Sabrosa).
Jardim-Cinema - As segundas, quartas, quintas e domingos, cinema e concertos - 14 e 45 e 20 e 45.
B6lgica Cinema - (Rua da Benefic6ncia, ao R6go) - 21.
Espianada Vit6ria - (Rua Alves Torgo).
Cine Sal6o Braço de Pata - A's quartas e domingos.

**Rapidez
perfeição
economia**



SÓ NA



Imprensa BELEZA
R. da Rosa, 99 a 107
Telefone 2 1622 — LISBOA

TODOS A PREFEREM!

Geografia dos Séculos

(A guerra entre
o XIX e o XX)

por pelo
Reporter X



Semanário de Grandes Reportagens

«— Essa ideia é nossa, dêste século que vocês amesquinham! Devolvam-na — ou iremos buscá-la à força... — gritam os «patriotas» do século lesado — tal como italianos bradavam, balburiando pelas ruas de Roma, em 1919: «— Fiume é da Itália! Vocês, os sérvios, raça selvática e odienta, negam-nos a nós, luz de todas as civilizações! — mas cobigaram uma das nossas pérolas; e não tendo a coragem de a virem buscar de peito a peito — jogaram na sombra, encobriram a trapaça com as vossas intrigas, calúnias... com audácia do vosso desprêzo... Mas — equivoque-se! Custe o que custar — Fiume é nosso!»

Outra semelhança: picuinhas miúdas, antipatias e ódios entre estados — dilatam-se quanto mais curta é a distância que os separa. A vizinhança, pura e simples, a existência apenas duma fronteira a dividir duas nações — basta para que o mal estar entre elas se torne crónico, uma vez, afogado pelo esforço diplomático, mas nunca amortecido. A França e Alemanha; a Itália e Austria — o século XIX e o século XX... Não se podem ver — estes dois séculos. O XX, rejuvenescido, pimpão, despreza, troça, apouca, nega o anterior; mas o XIX, mais fraco, empobrecido pela razia natural das suas fileiras, debilitado pela fadiga e velhice dos sobreviventes, forma quadrado, como a guarda imperial, em Waterloo, em volta, não da bandeira, mas das suas ideias, dos seus progressos, dos seus princípios — e quer bater-se até que a morte gele o entusiasmo do último soldado...

Eu sou natural, nascido, baptisado e vacinado — no século XIX — mas já na raia, à beirinha da fronteira — numa vilasinha chamada 1897 — freguesia de 10 de Agosto... a dois passos de 1900, donde se fez muito contrabando. Com três anos apenas — fui levado para o século XX — estado vizinho — onde me eduquei, criei, cresci e me fiz homem — e me estou fazendo velho. A situação da minha naturalidade é, mo-

(Continua na pág. 10)

ESTE artigo foi-me inspirado pelos ataques que estão fazendo ao meu amigo Jerónimo — um dos espíritos mais luminosos que busco, nas palestras dos horas de ócio. Uma das acusações que desfleixam contra ele é que Jerónimo é um... «bota de elástico».

Ora, precisamente, o meu amigo Jerónimo não é um «bota de elástico» — como o alcunham, desdenhosos, certos empavoados dum modernismo descalço... E digo descalço porque, por muito que lustrem os botins e estiquem as polainas, para encobrir as gretaduras e os buracos, a verdade é que esses botins os herdaram eles de séculos recuados e mui distanciados do «XIX» — o século de que as «botas de elástico» servem como ex-libris e em tão lamentável estado que fácil seria reconhecer-lhes a cor das piúgas — se eles possessem as solas ao alcance do nosso olhar... Não nego, porém, que Jerónimo nasceu da «banda de lá» do «Nosso Tempo», que é filho legítimo do século XIX — e que o defende com ardores de amante, com estoicismos, bravuras, cegueiras e sacrifícios de patriota; que entroniza o «Século-Pae» no mesmo altar do coração em que os Nuno Alvares colocava a «Mãe-Pátria». Mas não é... «bota de elástico».

É que existe actualmente uma «Geografia de Séculos» de extraordinário interesse — mas que não encontrou ainda cartógrafo que desenhasse os seus mapas. Ufano-me mesmo, sem basófilas atentórias à minha modéstia — mas com o orgulho natural dum iniciador — que sou o primeiro a notar o fenómeno, a registá-lo, a metodizá-lo — e a divulgá-lo. Circunvagando a vista constatamos, a par de cidadãos franceses, espanhóis ou brasileiros; de subditos ingleses, italianos ou belgas, de regionalistas apaixonados pelo seu Trás-os-Montes, pelo «seu» Algarve ou pelo «seu» Minho; cidadãos do século XIX, subditos do século XX e até bairristas fanáticos de certas pequenas épocas, cavaleiros que proclamem o período de 1905 a 1909 ou 1920 a 1923 como as «zonas de tempo» mais gloriosas e brilhantes da história da humanidade — com o meu bairrismo dogmatico com que alguns lisboetas sobrepõem o Largo da Estréla à Praça da Concórdia, ou certos portuenses afirmam não existir na Europa um parque como o do Palácio de Cristal.

Se estas controversias entre os bairristas de determinados anos — o de 1912 com o de 1923 — pela ingenuidade provinciana dos seus entusiasmos, das suas auto-sugestões, das suas melegomanias

infantis — infantis... do tamanho dos exemplos que citam e dos factos que advogam — nos fazem sorrir; as polémicas em que se floreiteiam os patriotas dos «séculos» não só nos permitem blaguear, como exigem que as observemos com a gravidade com que assistimos a conflitos diplomáticos que podem desencadear sangrias bélicas, com todas as suas conseqüentes intoxicações sociais! É que se agrupam, os de um século, à volta do seu chefe, contagiados da mesma exaltação ante a atitude ofensiva dos do século odiado — e... a ameaça da guerra adensa-se logo sobre as cabeças de uns e de outros...

Muitas vezes esses rancores internacionais — perdão — «interseculares» nascem de motivos idênticos aos que germinam os «ultimatuns» entre duas nações. O século Z..., a-pesar-de magoar, a qualquer pretexto, o século W... — apossa-se-lhe de uma ideia, dum princípio, que qualquer dos seus cérebros fecundos irradiou...; e logo o século W... desgrenha-se, empolga-se, enfurece-se; e no tumultuar das multidões, apenas contidas pela prudência dos chefes, surge um heroi-romântico que reconquista essa ideia, como d'Annunzio quiz arrancar Fiume das garras da Sérvia...

Curso prático



— Se eu te desse um escudo de gorgeta — que farias tu com esse dinheiro?

O garoto: — Venha o escudo... depois veremos!

Homens da Semana

Revelações sobre o «Misterioso» Fenómeno Pessoal. — Quem é o «enigmático» poeta de quem toda a gente fala. — O caso Ruy Coelho no Colyseu. — Duas palavras do Maestro

O nome de Fernando Pessoa surgiu, bruscamente, ao som de uma imprevista pancada de gongo, como um Mefistofeles de Opera — encharcado pelas luzes de mil holofotes, multiplicado pelos tablados de todas as conversas — e assim, à *minute*, numa noite para o dia...

Não interessa descrever o fulminante que incendiou o fulgacho; interessa, sim, constatar o seguinte facto: Fernando Pessoa que, há dez dias a esta parte é dos indivíduos mais discutidos — não só nos cafés, nas esquinas, nas tertulias da capital — como em todo o paiz — é também dos nomes mais ignorados, das personalidades menos conhecidas... Aparte uma minuscula minoria intelectual que não só não o ignora, como o admira e o entronisa mui alto, ao nível do éter a que o seu estranho mas positivo talento o ascendeu há muito — (e que se surpreendeu, também não pelo interesse com que meia duzia de linhas de prosa sua alvorogou e fez balburdear toda a gente — mas pela raridade de o ver desempastelado da sua penumbra e do seu silêncio — sobretudo para vir floretear em tal terreno) aparte — diziamos no referente a essa minoria — Fernando Pessoa é uma icógnita. E é precisamente pelo comprimento do seu salto sobre o vácuo dessa ignorancia quasi geral e até á popularidade vertiginosa — que mais se agrava a curiosidade da maioria, encanisando-se, intrigada, a perguntar: «— Mas donde saiu este Fernando Pessoa!» — ou antes, dando toda a redea á fantasia — e arriscando as hipóteses mais inverosímeis: «— A mim já me bicharam que é pseudónimo!» — «— O quê? vocês ainda vão aí? Eu sei, de fonte limpa que o artigo em questão é de Fulano — que não quiz pôr o seu verdadeiro nome e que magicou aquela!»

Ora Fernando Pessoa existe, felizmente para as letras portuguesas e para a guloseima espiritual dos seus raros intimos.

Antes de mais nada — é preciso que se saiba que a especial e sempre admiravelmente estranha actividade mental de Fernando Pessoa dura há vinte e tal anos. Já na aurora desta geração — nos seus preambulos hostilizados pelo público que então a apedrejava de mofas, troças, gargalhadas e que, pouco depois era subjugado e vencido pelas novas teorias de arte e literatura — Fernando ocupou um posto marcante de chefe, de orientador fleumático, occulto, desprezando glórias e trofeus — de olhos fixos apenas no triunfo dos ideais e sonhos estéticos em jogo. Foi êle um dos *generais* do célebre *Orfeu*...

Poeta de ritmos preciosos — os seus versos, como a sua prosa, são forjados num ineditismo de concepções que, para muitos significa ânsia audaciosa de sensacionalismo — mas que é apenas uma disciplina, premeditada e sábia expressão do seu pensamento e do seu gosto estético.

A literatura, para êle, é a sobremesa, o doce da vida. Leva, essa lambarice até ao egoísmo. Não exhibe as suas produções; raramente as publica. São para êle só — e para alguns amigos. A sua missão

na vida, missão mental, espiritual — parece occulta-la como um segrêdo — e cumpri-la ferverosamente como um designo de Deus. Do mistério da sua intimidade apenas se transparente o seu ar místico, a sua sede de estudo, a orientação complexa das suas leituras, numa biblioteca, da sua cultura.

Como não quer exhibir a sua obra e portanto não vive dela — e não é rico trabalha como qualquer empregado bancário — das tantas às tantas... Conhece o inglês, escreve-o como qualquer redactor do *Times*. E' essa a sua profissão: tradutor: O seu contacto com a vida, fora das horas de faina profissional — é regateado: uma hora, todas as tardes, no «Martinho» da Arcada, no Terreiro do Paço, cercado por uma duzia de jornalistas, poetas, escritores, artistas... Discute-se arte e poesia e livros e acontecimentos — e Fernando Pessoa, tímido, distraído, regateando-se sempre, sem calculismo, por necessidade — é o menos palrador; mas quando fala, esgota a critica ao objecto em discussão — com um critério extranho, dir-se-ia filtrado por um cérebro, uma mentalidade, um espirito doutro planeta...

Esse estilo das suas expressões criticas, esse seu sistema de análise aos factos ou de profecia ás consequências — criou-lhe a vaga fama de «oculista» — ou, pelo menos de um mergulhador de textos misteriosos...

Dizem que vive sósinho, num bairro distante do centro, numa rua em que o sol catadupa, generoso. Não tem visitas. Terminada a tertulia — some-se tranca-se, cercado de livros, livros sempre renovados pelas remessas continuas que lhe chegam de França, da Alemanha — mas sobretudo de Inglaterra.



Fernando Pessoa

Poucos ingleses, mesmo profissionais de letras — estarão tão em dia com o momento literário do seu país como Fernando Pessoa...

Um dia, afinetado pelas lendas que aureolavam as suas leituras, tentei, velhacamente radiografá-lo; mas, com surpresa minha, citou-me a elite dos romancistas policiaes britanicos, confessando que passava horas, deliciosas, na solidão, emocionando-se naqueles duelos empolgantes entre detectives e bandidos em redor de um mistério denso e desconcertante. «— Quando me canso dos «outros» — declarou — corro aos policiaes.

Certa vez, um dos seus intimos, a quem mostrava a minha estranheza ante a abstinencia de publicidade que Fernando Pessoa praticava com as suas obras — mostrou-me varios volumes de versos, editados em Londres, compostos directamente em inglês, pelo autor. A seguir deu-me a ler meia columna do critico literário do *Times* que se mostrava atontado ante o surgimento dum poeta português de tal quilate, redigindo assim num idioma estrangeiro e comparando-o aos clássicos mais gloriosos.

Fisicamente Fernando Pessoa é magro, tem os lábios sempre comprimidos, como os de uma creança — e com as crianças esbugalha os olhos, atrás dos oculos, numa expressão de pasmo infantil quando escuta algo que o surpreende ou quando fixa a sua atenção numa conversa...

Eis Fernando Pessoa tal como o conheço e o vejo...

O caso Ruy Coelho

UNS por má vontade — sempre subconsciente; outros por exagerado — e errado companheirismo, abafaram um acontecimento que, para interesse de todos — e até do público — devia ter sido projectado na publicidade, comentado, esmiuçado.

Referimo-nos ao que se passou com o maestro Ruy Coelho quando, no último concerto da orquestra do maestro espanhol Casals, êle regeu várias peças — entre as quais obras suas. Tumultuou a sala entre aplausos e protestos, balbúrdiou o início dum escandalo — escandalo que transbordando para a rua, para os cafés, tomou aspectos falsos ou pelo me-

(Continua na pág. 14)



Ruy Coelho

ou como
se falsifica
um príncipe
Donilo

Um «herdeiro ao trono montenegrino que Inglaterra acolhe

IVE sempre uma especial fraqueza por esse heroico pequeno povo que foi o montenegrino. Muito antes de entrevistar o seu último soberano, Nikitas — no Hotel Maurice, em Paris — então exilado pela ingratidão e ambição traiçoeiras da Sérvia; antes mesmo de que, como prémio desta entrevista, o meu amigo e ilustre camarada, Oscar Carvalho de Azevedo, Director Geral da Agência Americana — e eu — director em Paris da Agência (1919!) fosse *solenemente* condecorados pela Ordem do príncipe Danilo, no Ministério dos Estrangeiros instalado quasi num cubículo em Neuilly — eu admirava as façanhas que os velhos cronistas nos contavam desses bravos soldados, dessa gente simples e leal — crônicas que vinham sempre ilustradas por figuras teatrais, de fotos vistosas — e armados de carabinas recurvas, dignas de panoplia.

O Rei Nikitas foi feliz com as filhas — uma delas é a Rainha de Itália — e infeliz com os filhos. Um deles, o herdeiro, o Danilo, tornou-se herói de opereta, deu assunto à obra de Franz Lehar — «A Viuva Alegre» — tais as suas boémias em Paris e a sua fama no hoje decadente e destronado *Maxim's* da Rue Royal. Morreu tuberculoso, durante a guerra, num hospital de Viena, prisioneiro dos inimigos do seu país.

Agora — estalou em Londres um escândalo sobre um... «príncipe montenegrino»; e pelo pitoresco que contem — não resistimos a reproduzi-lo.

Intitulou-se, a si próprio, «Sua Alteza Real, o Príncipe Milo de Montenegro»



■ Petrovitch Niegush — fardado de príncipe — como apareceu ultimamente em Londres

— e a sua romântica personalidade perturbou alguns corações das damas de sociedade nestes últimos meses.

Escreveu muitos artigos em gazetas, nos quais reivindicava os direitos ao trono de Montenegro, apregoando parentesco com a actual rainha de Itália. Diz ser sobrinho do falecido rei Nicolau Nikitas de Montenegro; e ser filho da princesa Chane.

Quando morreu Lord Cushendun, há meses, o príncipe Milo enfileirou-se na assistência oficial. Também arranjou convite para convidado de honra numa homenagem em memória de Lord Nelson no Trafalgar Day. Pouco depois da sua chegada a Londres, há três anos, Milo foi anunciado nas colunas dum jornal de domingo como sendo um «rei sem trono. Num dos seus artigos previu o assassinato do rei Alexandre da Jugo-Slavia.

Um dia viram-no sair duma modesta pensão em Earl's Court, Londres, envergando o traje regional, o peito coberto de medalhas e condecorações e foi fotografado pela imprensa.

Uma titular apaixonou-se por êle. Infiltrado nos clubs chiques de Piccadilly

(Recordações
do passado
e um escândalo
presente)

Os banqueiros financiam, as damas disputam mas que...

pediu trinta libras a um ricoço para ir para a América — mas, já lá vão meses e ainda está em Londres.

A seguir «cravou» 50 libras a um dos muitos estrangeiros que combatem apaixonadamente pela independência do seu país mas ainda não... Ihos pagou — segundo revela, indiscretamente o último «John Bull». Dos «cravangos» aos «expedientes» inconfessáveis foi um passo. Existem já queixas, em Scotland Yard, ou seja, na policia, contra êle.

Uma fidalga embeçada pela sua treta informou-se na legação da Jugo-Slavia sobre a sua identidade. A legação respondeu que «não tinha o mínimo direito a usar o título de príncipe, e que não era membro da família real.»

Qual o segredo deste aventureiro e romântico hospede de Inglaterra? Sabe-se que foi sócio duma firma de hervanários em Detroit Michigan, E. U., há cinco anos e que sua mãe não é princesa, e nunca o foi. Está registado como Milo Petrovitch. Do título de príncipe — apoderou-se há pouco — mas há muito que usa o nome de Petrovitch Nyegush — que pertence, de facto, à família real montenegrina.

A verdade é que é filho dum cavalheiro que foi empregado da alfandega de Montenegro. A aldeia de Nyegush ou «Niegush» tem 300 habitantes e é onde nasceu o rei de Montenegro. O nome Petrovitch é tão comum nos Balkans como os Costas em Portugal.

Mais uma fatalidade do Montenegro, em suma...

R. X.

Os tartufos da Paz

Uma estatística sensacional sobre os efectivos de todos os exércitos da Europa

(Dos 86.000 soldados da Alemanha aos 85 do Monaco)



Um dos minúsculos exércitos europeus: o do Vaticano

ACHAMOS oportuno, neste momento em que os estados mal-intencionados tartufiam, fazendo cõro com os sinceramente amantes da paz, no protesto universal contra a guerra — reunirmos após um trabalho apenas apreciável pelo bisantinismo exigido na busca de informações tão dispersas — e tão esquivas num meio como o nosso, desrelacionado destes assuntos internacionais — os números correspondentes aos efectivos actuais de todos ou quasi todos os países da Europa.

Que os homens se resignem ante a fatalidade que sacode a terra e entorna as cidades, como quem sacode uma mesa e entorne um copo — soterrando milhares de existências; ou ante um naufrágio em que o mar, rasgando como que um enorme alçapão de teatro, engole um navio com todos os seus habitantes, — compreende-se, porque... a Natureza, na sua cólera é mais forte do que os homens! Mas para evitar a guerra... a guerra que só os homens criam... Em resumo... Não pretendemos oferecer-lhes um artigo filosófico — mas sim... estatístico. Vamos aos números...

Segundo a nossa fonte informativa — o país europeu que dispõe, actualmente,

maior exército, é a Alemanha: 100.000 do Reichwhrs — além de 150.000 *shupos* (fôrças policiaes), 29.000 guardas fiscaes; 180.000 «cascos de Aço» — que, segundo o «Petit Parisien» afirma, a-pesar-de tudo, se deve agregar ao quadro; e 400.000 das secções hitlerianas (idem... mesmo jornal). Somam 860.000, aproximadamente...

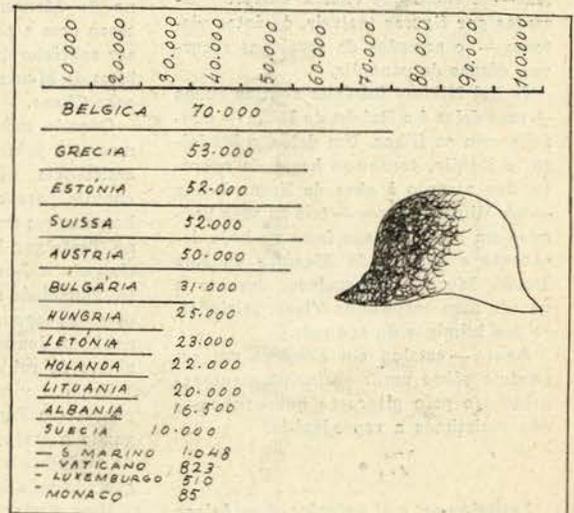
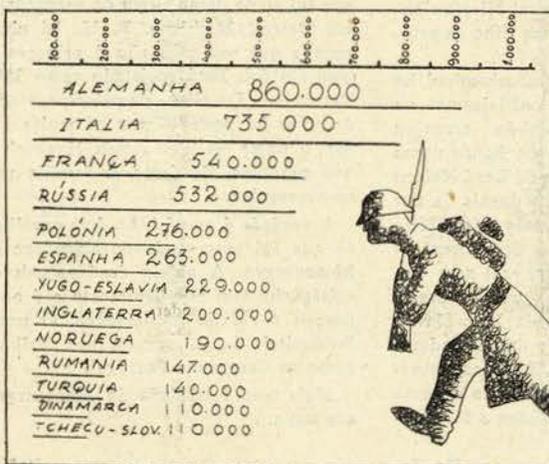
A Itália. Efectivo regular: 17.966 officiaes e 236.218 sub-officiaes e soldados. As melicias fascistas, militarizadas — contam com 22.630 officiaes e 362.895 homens — total aproximado: 735.000 homens.

A França: 29.619 officiaes e 523.240 soldados... A Rússia 530.000 homens — podendo mobilizar um exército de perto dum milhão.

Agora — ao acaso: A Albania 16.500; a Austria, 50.000; a Bélgica, 70.000; a Bulgária, 31.000; a Dinamarca 110.000; a Inglaterra — que é, de todas as grandes potências europeias a que de menor efectivo dispõe — 200.000 homens — incluindo os exércitos permanentes na Índia; a Espanha 263.000 homens — apresentando a Guardia Civil perto de 60.000; a Estónia, 52.000; a Finlândia — 127.000 — incluindo o quadro dos voluntários que são de 100.000 individuos; a Grécia, 53.000! a Holanda, 22.000 homens; Hun-

gria, 25.000; o Estado Livre da Irlanda, 15.000; Letónia, 23.000; a Lituania, 20.000; a Noruega, 190.000; Polónia, 276.000; Roménia, 147.000; Suíça, 52.300; a Tcheco-Eslováquia, 110.000; a Turquia, 140.000; a Yugo-Eslávia, 229.000 — dos quais mais de 10.000 pertencem à aviação e perto de 20.000 à gendarmeria... sempre em acção naquele império feito de retalhos e que vive num permanente entrechoque de raças.

Curioso indicar também os efectivos miniaturais de certos países... Suécia, tendo apenas 10.000 homens armados, afigura-se-nos ridícula ante o exército alemão ou russo; mas, simultaneamente, parece-nos um potentado militar, comparado a povos como a República de S. Marino (1.048 homens da guarda do Estado; da gendarmeria, policia, guarda fiscal, etc...); do Vaticano: 823 homens (guarda Nobre, 70 officiaes; guarda de Honra, 30 officiaes e 500 soldados; guarda suíça 10 officiaes e 110 homens; e gendarmeria, 3 officiaes e 100 homens); Luxemburgo, 510 homens; Monaco... 85 (todos carabineiros...) e Andorra... 52 policiaes e... mesmo assim voluntários! Calculem os senhores se Andorra, S. Marinho, Monaco e o Vaticano aliam os seus exércitos — e declaram guerra a Luxemburgo! Que tragédia!



O gráfico comparativo dos exércitos europeus

Uma reportagem feita em Lisboa

... «PERDÔE, meu velho amigo, a...» — «Indescricao, se envolve indescricao a pergunta ou se a nossa bisbilhotice epidémica de jornalistas pode ser, alguma vez, assim apodada... Quem é esse cavalheiro que V. acaba de saudar com tanta veemência e entusiasmo — como se visse erguer, à sua frente, um ente querido cuja morte tivesse sido, há muito, convencionalmente entre os vivos — e sem desmentido?»

Foi sábado, 9, — cerca das dez da noite, naquele ambiente sonolento do restaurant «Leão d'Oiro». Clientela habitual — anfíbia, dos nostálgicos que escorrepicham as últimas gotas duma época extinta; dos neófitos que se iludem julgando que jantar no «Leão d'Oiro» é um iniciamento; e dos que, como Raul C... e como eu, o frequentam de quando em vez — êle ao vir do Porto a Lisboa; eu ao descer da minha cidadela — o Chiado e Bairro Alto — à City: por concordância com o *menu* — em tudo — principalmente nos preços...

Só notara a presença de Raul de C... quando este velho camarada abandonara a mesa, oculta por uma coluna e, dilatando os seus olhos miúpes abraçara aquele sujeito moreno, dum moreno envernizado de zingaro ou de hindu, guedelha dir-se-ia untada, feições angulosas, orientais — que comia, solitário, numa constante e silenciosa curiosidade por tudo o que o cercava. O meu apurado ouvido — interceptara — alguns vocábulos espanhóis, nas ordens ao criado e nas saudações a Raul — mas pronunciadas com um sutaque inédito para mim. Vigiara-o tôda a refeição. E quando Raul C..., depois de se despe-

sobre a Guerra do

dir do estrangeiro, roçara pela minha meza, aborudara-o desfleixando-lhe, *in-abrupto*, aquele interrogatório...

«— Você tem faro! — comentou Raul, sentando-se, resignado, ao meu lado. — Adivinhou um artigo. É profeta!»

Raul C... é das figuras mais curiosas que tem desfilado, nos últimos anos, no jornalismo português. E nunca quiz ser jornalista — no sentido restrito da palavra. Pouco dado à resignação material, na consciência do seu próprio valor — dedicou-se exclusivamente à publicidade. Não à publicidade *plebeia*, *desorientada*, improfíqua para todos — aquela que é feita ao acaso, sem cálculo, sem lógica, sem estudo. Não! Formou-se em *publicidade* como podia ser

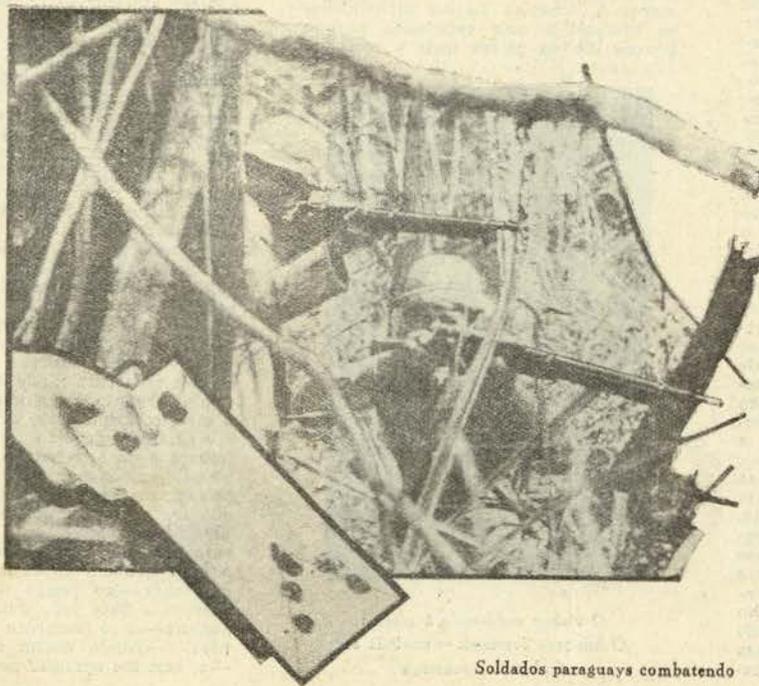


engenheiro. Os seus planos são firmes, seguros — como as pontes de Wenslein ou como as torres de Eiffel! E basta dizer que durante vinte anos percorreu a América Latina, os países mais avançados e... adestrados na especialidade — e todos os jornais o disputaram... Viveu na Argentina, no Chile, no Uruguay, no Paraguay, na Bolívia...

Além do talento moderno e vivo — Raul C... tem a virtude de ser um *gentleman*. Um *gentleman* e um camarada nosso há muitos anos.

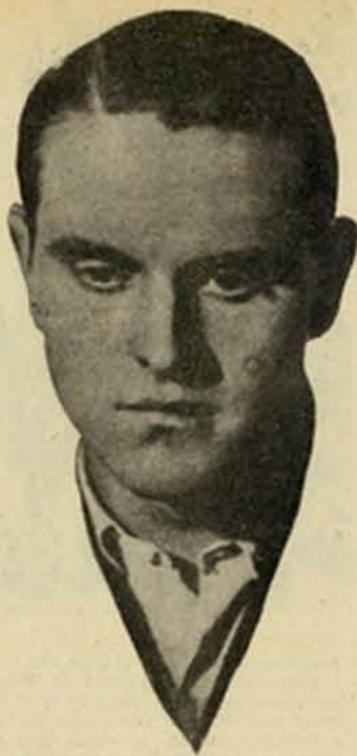
«— Como sabe — começou Raul — conheço bem a América do Sul. Deixei lá muitos amigos e daqueles que orgulham, que glorificam quem os conquista. Num *raid* que realizei no Paraguay — em 1912 — conheci, em Assunção, na capital — o director do semanário «Nosotros». Chamava-se — ... não se assuste com a *música* do nome: *Heldiorado Colebrina*. Levei tempo a decorar estas duas palavras — mas conseguí fixá-las para sempre. O que, sobretudo, me estreitou a Colebrina foi o vulcanismo do seu espírito e do seu patriotismo... Precoce, lançara-se na política aos 18 anos! Os seus *meetings* incendiavam as multidões ignorantes e mereciam a reflexão das elites intelectuais. Os seus artigos tinham uma sedução estranha — avassaladora. Mas a sua vida — era tão extranha e brilhante como a sua prosa ou os seus discursos.

«Índio 100 por cento — a sua única vaidade é que não lhe corre nas veias uma gota de sangue europeu — filho do chefe duma das últimas tribus indígenas que resistiram à amálgama dos invasores, educado... à europeia, conseguiu seleccionar as virtudes orientais (ou sejam as europeias, ou melhor: os ensinamentos da civilização desta banda do Atlântico) e as que herdara, da raça. Para êle Paraguay não é uma república, um país; é uma grande *tribu* india. Aceita os mestiços; aceita os *brancos* paraguayanos — por nascimento — mas considera-os subalternos. Todo o seu sonho é que o volante do mando esteja nas mãos dos legítimos — dos índios, como êle. Recomecei a escutar o sue nome desde que estoirou a guerra no Chaco — contra a Bolívia. A sua actividade é quasi sobrenatural! O governo e o Estado Maior não o dispensam. Êle impõe-se — e temem-no



Soldados paraguays combatendo

(Continua na página 11)



Um filho de família, Gancher, que sobe à guilhotina quasi alegremente, dizendo: — «Meu pai a morte! Quero morrer no patíbulo!»

TRES oportunidades nos indicavam como «assunto internacional» da semana esta macabra matéria de carrascos e suas ferramentas de matança. O primeiro — o facto de se ter incendiado de novo, em três países, as generosas campanhas contra a pena de morte: na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Neste último — iniciou-se a polémica há coisa de um ano entre dois diários colossos: *New-York-Times* e *The Sun*; e como na América do Norte estas coisas nunca podem ter a sobriedade dos outros países nem dispensam o *imprevisto* «à sensation» — teve, como remate, o seguinte episódio. O articulista que, no *Sun* defendia, rancorosamente, a cadeira eléctrica, usando, por sinal, uma argumentação original e eloquente — ao ponto de triplicar a tiragem da gazeta era... um desconhecido... Apresentara-se sem recomendações, ao director e este, num momento de bom humor, acolhera-o, lera-lhe o primeiro artigo — e aceitara-o. Publicou-se o primeiro, o segundo — e outros se lhe seguiram, num exito crescente. Ao décimo artigo — houve um interrogatório. O director impacientou-se — temendo interromper uma campanha que estava dando brado. Uma semana mais tarde recebe novo artigo, acompanhado de uma carta... datada dum prisão de New-York. «Desculpe-me este silêncio — mas um incidente trouxe-me a esta casa. Devo ser julgado em breve». Os reporteres de *The Sun* puzeram-se em campo e apuraram que o articulista estava preso por crime de homicídio, em condições facinorosas e que não nega o crime. Julgado há dois meses — os juizes condenaram-no à cadeira que ele defendera contra os que combatiam a pena última! Que estranho paradoxo serviu de dinamite a atitude deste cavalheiro? Ignoro! Sei apenas que se chama Giovanni Tarso, que é des-

Um estudo emocionante sobre a vida íntima dos carrascos

Executores de alta justiça

cedente de italianos e que cursou direito.

Os outros pretextos são os seguintes — e englobados no mesmo artigo — um artigo que Roger Delamarc acaba de publicar no «*Demain*». Pretendeu este famoso reporter belga fazer um estudo sobre a actual geração mundial de carrascos — a última (diz ele) de que, seguramente a humanidade terá de se envergonhar.»

Segundo Delamarc existem hoje, na Europa, quarenta e oito «executores de alta justiça»:

França	5
Inglaterra	3
Alemanha	3
Austria	3
Hungria	4
Espanha	2
Sérvia	4
Bulgária	2
Polónia	6
Rússia	12
Outros países	5
Total	48

E comenta: «No referente à Rússia guilamo-nos pelos dados oficiais — mas tenho razões para supôr que são, pelo menos, três vezes superiores áquele número. A América Latina difficilmente se oferece a uma estatística porque poucos são os países onde a pena de



O ultimo condenado à morte: O húngaro Svertenk — ouvido em 5 ultimo, a sentença

Uma campanha jornalística... dugos restam na Europa... e dio do carrasco amarelo. — N e as profissões — As mais comportamento e honestidade São todos bons chefes de fam e revelações imprevistas. — R do artigo teve com

morte exista... legalmente — embora as execuções capitais sejam mais frequentes do que nos da Europa. Contudo, o que bate o record é a América do Norte com... 182 carrascos.

«Na Asia — é impossível averiguar: Só a China executa mais gente, num mês, que todas as outras nações juntas, em vinte anos. Na última viagem que Maurice Levair realizou a Celestial República — assistiu à seguinte cômica basófia dum carrasco. Um general sudista condenara à morte quarenta e cinco oficiais, soldados, espíões, etc., do exército vencido — e Lavaifre obtivera autorização para assistir à matança. Julgara ele ir encontrar uma numerosa brigada de verdugos. Não senhor! Apenas um sargento se encarregara da obra, sargento assinalado na farda por dois cutelos cruzados, bordados a verde, insignia de carrasco (visto que cada regimento chinês dispõe sempre dum carrasco... privativo). Era ajudado por dois soldados cuja missão se limitava a fazer ajoelhar os condenados, desnudar-lhes a nuca e... de carregar as pistolas do chefe... Quando o illustre jornalista francês chegou ao local das execuções — o carrasco almoçava com um civil e apercebeu-se que havia rija discussão entre os dois... Terminado o almoço, o sargento acendeu o charuto, deu ordem para se iniciarem os preparativos da faina — e dirigiu-se ao pátio. Sempre de charuto na boca, começou a abater os desgraçados que silenciosamente ofereciam a nuca ao canto da pistola. De dez em dez mortes, um dos soldados trocava-lhe a arma esvaziada por outra carregada. O cavalheiro era mestre naquele mister — e lá-o fuzilando, um a um, quasi sem os olhos — todo entregue na palestra com o civil; e este, por sua vez, indiferente ao trágico espectáculo, não desfitava o rosto do sargento. Ao tombar o último — o civil teve um gesto de contrariedade e o carrasco, depois de chupar a última fumaça e de atirar a ponta do charuto ao solo, espenotou num evidente contentamento, ruidoso, infantil, de miúdo que faz pirraça a outro miúdo. E a notarem o pasmo do francês — explicou: é que o sargento apostara com o civil que era capaz de executar at cinquenta — ao tempo de fumar meio charuto... Este jogo durava havia um semana — e o sargento ganhara sempre: «— Ainda ontem foram sessent e —, sem me apressar muito, estive um

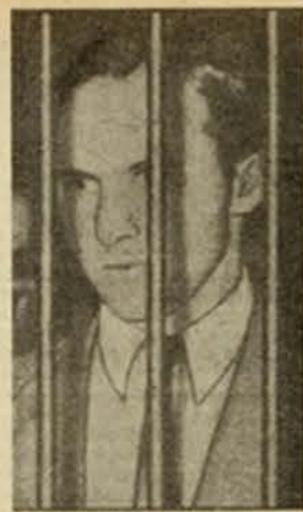
dez minutos a fumar depois de terminada a faina! — Ora num país como este — não cabem estatísticas sobre carrascos... Sobre os carrascos europeus — diz o articulista — 17 descendem... de carrascos, formando espécies de dinastias sangrentas — como, por exemplo, a das da França. A mais velha dessas dinastias é a de Barburdier — que vem ainda dum ramo dos «Sansons» — que já eram executores antes da orgia de sangue da Revolução franceza. Uma das notas mais estranhas desse estudo é aquela em que nos é revelada o comportamento de todos os esses homens que vivem... de matar — legalmente! Dos 48, a maioria tinha, antes de aceitar o emprego de verdugos, profissões honestas e 46 possuem uma folha criminal imaculada: não só nunca atentaram contra a vida dos semelhantes como tão pouco praticaram — que se saiba pelo menos — o mínimo acto ilegal, que os levasse ao tribunal ou sequer à policia... Apenas dois — e antes de entrarem para a profissão — sofreram deslizes. Um — Ernest Brun, executor de Leipzig — esteve preso por desordem, na qual feriu gravemente um antagonista — provando depois que agira em legítima defesa; outro, Stubber Kreig — húngaro — que assassinou a esposa adúltera.

«Nunca sofri um pesadelo — e raras vezes me recordo das caras dos des-

graçados que a justiça me manda enforçar! — declarou a um jornalista. — O mais velho de todos é Karl Winzer, o austriaco — que conta 68 anos e se nega à reforma; o mais jovem chama-se Louis Boncoeur (que ironia!) é de Marselha e com trinta anos incompletos — já conta sete de carrasco; com um activo de 32 cabeças. Dos 48 — apenas cinco são solteiros; 10 são viúvos; 8 divorciados e 30 casados. Dos casados — dez são-no em segundas, terceiras e até quartas núpcias — como o de Budapest. Quarenta e dois têm filhos — e o que tem menos, o de Varsóvia, orgulha-se com uma ranchada de cinco. Um dos servios bate o record com quinze. Todos gozam fama de bons chefes de família, admiráveis pais, esplêndidos esposos. Os seus vencimentos variam... segundo o investigador que nos está guiando. Os pior pagos são os bulgaros — que ganham o equivalente a 300 escudos mensais, da nossa moeda. Os ingleses são tratados como príncipes. Os seus ordenados vão de 200 a 350 libras anuais. Todos, sem excepção, além do ordenado, recebem uma espécie de gratificação por cada indivíduo que executam — além de lhes serem largamente pagas todas as despesas de deslocação... Em Espanha, essa *prima* é de cem pesetas; em França 300 francos; na Inglaterra 10 libras. Os que gozam de menos repouso são os servios... Um deles só no ano de 1934 — executou 35 — quasi três por mês.

«Nunca sofri um pesadelo — e raras vezes me recordo das caras dos des-

«Nunca sofri um pesadelo — e raras vezes me recordo das caras dos des-



Um carrasco — que espera a «cadeira eléctrica» Jack Brewer, verdugo do Texas — condenado à morte nas finais do ultimo ano

«No vagon em que, às onze da manhã, regresses a Barcelona e que era o segundo do comboio-eléctrico posto à disposição das autoridades que tinham ido assistir à execução de Tarrasa — vinham dois jornalistas, o comissário, duas «parejas» da «guardia», cada uma custodiando um indivíduo que sobraçava um embrulho em papel de jornal. — Vão presos? perguntei ao comissário indicando os sujeitos que os «civiles» guardavam.

«São os verdugos de Barcelona e Burgos, executores da sentença. Era natural, a minha amnésia. Virá-os, na penumbra da madrugada, através da angústia suprema da execução, que me embaciava os olhos como a humidade torna opaco o cristal mais límpido. Virá-os, fanáticos, monstruosos, dilatados pelo pesadelo em que estava encarcerado. Agora, ao vê-los, normais, vulgares na acalmia que sucede à convulsão dos meus nervos, não os reconheceria.

«Examinei-os. Um deles era magro, escanzelado, anguloso, a barba crescia de dias, olhos assustados, vermelhas oftalmias rosto csmiado. Agitava-se numa grande inquietação medrosa. Vestia um fato cinzento; enroscava no pescoço um lenço de seda de Oviedo e calçava alpergatas. Era Rogério Perez, o verdugo de Barcelona.

«(Não confundir com o meu querido camarada do «Diário de Lisboa» — seu homónimo...).

«O outro, era forte, de ombros largos, um pouco mais idoso, carminado de cores saudáveis. Vestia como qualquer pequeno comerciante — e de mãos cruzadas sobre o ventre, ia fumando tranquilamente a ponta dum charuto, cujo fumo fazia com que a pálpebra direita



George Sanson, um dos carrascos mais famosos da célebre dinastia franceza e que, de 1740 a 1774 — executou 300 indivíduos

fôsse sempre descaída. Chama-se Gregório Mayoral Sendino — e é verdugo de Burgos, o mestre dos verdugos, o primeiro entre os primeiros, o grande apaixonado pelo garrote.

O primeiro, pelo contrário, não tem a menor vocação para o ofício — que ele escolheu, no engodo de recolher um ordenado certo e que já mais seria chamado para manobrar o garrote. As suas execuções têm tanto de trágico, como de novelesco. Chora — mesmo quando os condenados se apresentam calmos. E atrapalha-se e tenta fugir e tortura os desgraçados com a sua inabilidade.

— E porque o encarregam então de executar gente? pergunto ao comissário que me informa:

— Que quer você? Dantes a justiça não tinha muito trabalho para encontrar um executor. Havia-os voluntários — os carneiros sobretudo. E quando faltavam estes, os presidiários eram obrigados a isso. E faziam-no com gosto. Mas agora? A maioria das comarcas está sem verdugo. Já não há quem queira servir a justiça.

Lembro-me então de ir falar ao Rogério Perez. É o comissário que mo apresenta. Responde a médio. É preciso arrancar as palavras:

— Há quantos anos é executor?

— Há treze.

— E quantos condenados supliciu já?

— Quatro, com os de hoje.

— Os primeiros foram...

— Os de Tarragona, no ano passado. Eram marido e mulher, acusados de terem assassinado a mãe dela para roubar.

— E qual foi a impressão que recebeu ao executar o primeiro?

O verdugo não responde com palavras. Abre muito os olhos e com a mão pede para que me cale. Insisto.

— O senhor sabe lá! Eu, até à última não acreditei. Esperava sempre que viesse o indulto. Desejava-o tanto, como os próprios reus, não por eles, mas por mim, para não ter de os executar. Ainda hoje não sei como consegui cumprir a sentença. E, palavra que estive sempre convencido que não teria de manobrar o garrote.

— E levou muito tempo a executá-los?

— O primeiro não. Atirei-me à manivela e, de olhos fechados, voltiei-a. Mas ao segundo — que era a mulher — tendo visto o cadáver do primeiro (a minha primeira obra!) então sim; então é que já os meus dedos não me obedeceram e a manivela parecia não querer andar. A pobresita gritava como gritou esta manhã o Saleta. Eu, cada volta que dava, sentia apertarem-me o pescoço — o meu! — como se o tivesse também dentro do anel de aço. E sabe lá! Estive noites e noites sem poder dormir. E a minha filha, coitada, viu-se na necessidade de chamar o médico. E olhe: veja o meu pulso. Estou com febre.

— Onde vive?

— Em Sans, em Barcelona. Os jornais, quando foi a primeira execução — a de Tarragona — publicaram o meu nome e a minha morada, e quando voltei a casa; os vizinhos esperaram-me e quiseram-me linchar. Ninguém me apertou mais a mão. Os próprios lojistas recusaram-se a vender-me os seus artigos. Teria morrido de fome se a polícia não os obrigasse a atender-me. E a minha filha, pobresita...

— Que idade tem ela?

— Dezoito anos. Perdeu as amigas. Tinha um noivo e nunca mais lhe apareceu. Um horror!

— E porque aceitou então esse cargo?

— Porque estava na crença de ninguém o saberia e que nunca teria de executar ninguém.

— E porque não se demite?

— Não posso! Assinei contrato por quinze anos — e teria castigo de deserter militar se faltasse a ele.

Deixei Rogério Perez, mais pálido, mais inquieto, mais nervoso e fui ter com o outro — o mestre dos verdugos, Gregório Mayoral Sendino — que estivera observando de longe o colega, com um sorriso de desprezo a bailar-lhe nos lábios carnudos.

— Está contente com a sua profissão?

— Hum! Cumpro o meu dever: nem descontente nem contente. Em todo o caso, reconheço que em todos os ofícios há vocações e desajetados — e confesso, sem vaidade, que eu sei do meu ofício. Não sou um executor vulgar. Eu não trabalho só quando executo! Não.

Eu estudo muito, faço experiências... Não sei se sabe que introduzi novas modificações na argola do estrangulamento e que já apresentei um plano para transformar por completo o garrote.

— Em que sentido?

— No sentido da limpeza...

Mayoral fala com calma e procurando entusiasmar quem o escuta. É vaidoso — mas sem calor: é um vaidoso a frio.

— E há quantos anos é verdugo?

— Há quasi vinte e cinco... Olhe... Eu tinha vinte e sete quando comecei — fiz há dias cinquenta...

— É casado?

— Viúvo. Tenho três filhos. Um deles foi para a América; um outro está escrevente num escritório de Vigo; o último é sargento no exército.

— E qual foi o seu primeiro sentimento?

— Um cigano que tinha assassinado uma filha, depois de a violentar.

— Que impressão teve, ao executá-lo?

— Confesso que não me custou muito. A verdade, é que não tinha a precisão que tenho hoje. Mas... caray, um homem quando não pode não se mete nas empresas. Eu era verdugo, tinha que matar. E quando mais energia empregasse, mais rapidamente sairia da situação. Além disso quanto mais não vale ser decidido e dar as três voltas enquanto o diabo esfrega um olho — do que fazer como esse pobre Perez, que leva uma eternidade com o condenado a estrabujar dentro do anel.

Chegamos a Barcelona. Apeamo-nos e deixamos passar à frente os dois verdugos. E o de Burgos,

batando no ombro de Perez, gritou-lhe:

— Vamos a ver quando trabalhamos outra vez juntos!

Dias depois o de Barcelona era assassinado, a tiro, ao sair de casa, no Bairro de Sans...

R. X.

Geografia dos Séculos

(Continuação da pág. 3)

ralmente — um pouco — como direi? — mestiça... Sou, necessariamente, um homem do século XX — mas não esqueço o século onde nasci, não pelo facto de nele ter nascido mas pelo respeito que devo aos meus compatriotas, mais velhos, alguns tão velhos, que nem meus avós os conheceram, mas que deixaram uma obra que não merecia a enfatuada troça, a pateada escandalosa que os meus con-vizinhos do século XX armam, a cada passo, com um desrespeito que revela cruzes, com um desprezo — que não revela elevação mental; com um ódio dogmático que desafivela todas as máscaras que usam, na sua agressão e que nos levam a crença de um ódio que já não é de raça-de-século — mas que tem outras raízes...

Há muito que suspeito desses rancores contra o século XIX. Assim como nos países jovens, como o Brasil — não são os brasileiros de raiz, os brasileiros de nascimento e de sangue que alardeiam a xenofobia, que mantem o fogo do nativismo, — mas sim aqueles estrangeiros que premeditam confundir-se com a massa humana da nação ou aqueles que, filhos de estrangeiros, brasileiros duma só geração, procuram ser mais brasileiros do que os autênticos — assim os mais hostis cidadãos do século XX contra os XIX... são estrangeiros, no XX — porque vêm de séculos muito mais longínquos que, no fundo, apenas se resignam a viver na sua época, porque não têm outra; e detestam o XIX, porque foi o XIX que lhes modificou os hábitos e provocou a grande metamorfose universal; porque o XIX é que veio interromper aquela existência de lenta evolução, a única que lhes serve à sua mentalidade e temperamento; aquela existência que eles querem enxertar no XX, embora, secretamente, para isso sejam obrigados a buscar adubos ao século negado...

O "X" evoluciona sempre

A partir do próximo número, todas as semanas:

Novelas Policiais Misteriosas de Aventuras

os mais emocionantes

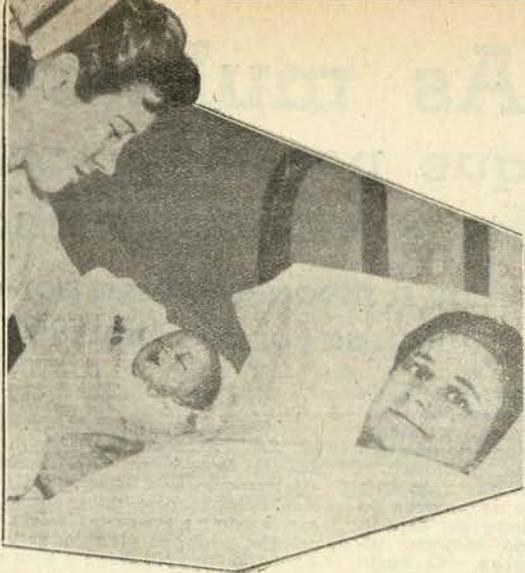
originais e inéditas do Reporter X

BREVEMENTE

O «X» começa a publicar em folhetim, a biografia-romanceada de

C... H... (F...)

As mais sensacional obra de revelações do Reporter



[Mr. Dolms, a que está à «cabeça» das concorrentes — instantâneo tirado no Hospital — pouco depois do seu último... parto (o nono, em dez anos) !

O mais extravagante dos testamentos!

11.500 contos à mulher que tiver
mais filhos em dez anos!



UM DUELO DE FECUNDIDADE ENTRE... MAMÃS

É IS um dos «assuntos do dia», em relevo de publicidade na imprensa de todos os Estados Unidos — e sobretudo na do Canadá! E como é inédita, em Portugal, não resistimos à tentação de a transcrevermos.

O seu início data de há nove anos — 31 de Outubro de 1926 — dia em que passou desta para melhor, em Toronto, o mais rico e excêntrico dos advogados, Charles Vance Millar — conhecido em todo o Canadá, pelas suas extravagâncias e anedotas, dentro e fora dos tribunais. Solteirão impenitente — acumulara uma imensa fortuna — não só no fóro como nas corridas de cavalos — em que era celebradamente afortunado — e também em negócios de Cervejaria. A sua principal aureola era de pandego bonacheirão, alegre, gracioso e boa pesca. Mas de todas as «graças» que o afamavam — a mais divertida é... a do seu testamento — no qual começava por declarar que deixava 100.000 libras (11.500.000 escudos portugueses) à mamã mais fecunda ou seja: à que desse à luz maior número de filhos — em dez anos, a contar da sua morte!

Por aqui... visiona-se já o «espírito» do cavalheiro.

De todos os modos, para bem apreciar a sua veia de «comediografo» não basta este prémio — considerado o maior «individual» que se conhece. Há mais: deixou, por exemplo as suas muitas acções (algo com 1.500.000 escudos) duma das maiores fábricas de cerveja do Império Britânico, a vinte e cinco padres metodistas da sua terra que são os mais ardentes reformadores da temperança; os proficacionistas, mais intolerantes; os propagandistas mais entusiastas da «lei seca» de todo o Canadá. As acções que possuía do Jockey Club, — no valor real de 2.700 contos — (o Jockey Club é o «maior negócio» de corridas de cavalos do Canadá) destinou-os a três moralões famosos pelas suas ideias altruístas, inimigos de todos os jogos e que consideram as «corridas» não só um perigo social como um pecado mortal. Finalmente nomeou testamentários, na distribuição da sua fortuna de £ 600.000 — para um período de dez anos até acabar o concurso dos «bebês», a duas senhoras que eram consideradas, na alta sociedade canadiana, como rivais irreconciliáveis — duas sol-

teironas beatas, que detestam, com enjôo, a mais bela missão da mulher que é a maternidade.

Calcula-se facilmente... a disputa entre as mulheres daquela cidade, durante dez anos para merecerem o quantioso prémio — a enorme fortuna — oferecida pelo excêntrico defunto. Faltam ainda alguns meses para terminarem do prazo. Chamam a «isto», no Canadá e nos Estados Unidos, onde é badalado a diário, a «maratona das mamãs...»

Vai à frente a senhora Frances Lillian Kenny, canadiana de origem francesa, que acaba de ter o seu décimo primeiro filho num período de pouco mais de oito anos. A criança nasceu em Toronto no hospital um pouco antes do Natal. Semanas antes, Kenny tinha pedido e obtido os máximos cuidados médicos e hospitalares — para que... não fôsse perder tão próxima já da meta. Os médicos que tinham prognosticado dois gémeos o que, infelizmente para a parturiente, não se conformou. Quando finalmente a criança nasceu, Kenny não conteve o seu desapontamento.

«Ah! Eu que esperava dois! Se fôsem dois era certo que o prémio era para mim!»

O hospital em peso emocionou-se, — visto que já se tinham arriscado apostas valiosas — e os médicos, que haviam garantido o duplo parto foram ridiculamente, apupados; os próprios jornais os troçaram...

Kenny tem trinta e um anos. Compreende-se a ânsia nestas «corridas de mamãs» para conquistar as £ 100.000, visto que o marido não trabalha, recebe como esmola de um fundo publico, o insuficiente para a manutenção do casal e filhos. Há também um lado triste na sua história. Em doze anos de casados ela teve quatorze filhos, incluindo dois pares de gémeos.

Mas podiam ser mais — se não fosse a morte ceifar alguns. Um incidente recente lhes roubou um. O casal vive em pobreza absoluta, e o lugurio onde habitam é infestado pelos ratos. Os ratos mataram o seu filho Patrick, de um ano. Mas as mortes não contam segundo as cláusulas do testamento, e crianças felizes, aparentando bem alimentadas tão pouco. Outra extravagância do falecido advogado.

Quem segue, na escala, em 2.º lugar é Grace Bagnats, de 41 anos, que acaba de

ter a sua nona criança, em oito anos.

Mrs. Bagnats e seu marido, Joseph, são italianos que, nos seus vinte e oito anos de casados, tiveram vinte e três crianças, das quais quatorze estão vivos. Mas apesar desta enorme família o lar dos Bagnats é, felizmente, um pouco mais próspero do que o dos Kennys. Joseph tem emprego e Mrs. Bagnato ajuda-o. E' poliglota e trabalha como interprete nos tribunais de Toronto, onde, devido à população cosmopolita, os seus serviços são reclamados com frequência.

A sua fecundidade pouco a prejudica visto que trabalha até à hora... suprema. Já uma vez largando o trabalho foi directamente para o hospital onde uma hora depois; acrescentava mais uma flor ao seu jardim maternal...

Estas duas mulheres estão agora na guerra declarada. Mrs. Kenny disse depois da sua décima primeira criança: «Estou resolvida a bater essa mulher Bagnato, custe o que custar! Ela tem mais dez anos do que eu, e eu continuarei a cumprir as palavras do Salvador todos os anos — pelo menos... Todos os anos. Tenho o palpite que serei contemplada com alguns gémeos antes de outubro de 1936 (data em que termina o prazo). Mas, seja como for, baterei essa mulher. Veremos se não a venço! E' o que faltava: Uma canadiana batida, neste terreno, por uma estrangeira!»

Mrs. Bagnato — por sua vez — declarou depois de dar à luz o seu nono filho: «Sou forte e gozo de bela saúde. Tenho tido muitas desilusões na minha vida! Mas desta vez penso que será Mrs. Kenny quem fica desiludida! Garanto-lhe que sou eu a premiada com as £ 100.000.»

Há, no entanto, uma terceira mulher neste invulgar concurso que pode desmantelar as esperanças das duas outras concorrentes. E' Mrs. Stephen Darrigo também da colonia italiana de Toronto. Afirma ter tido dezesseis filhos, dez dos quais desde 1926. Sete foram devidamente registados na Repartição dos nascimentos e estão incluídos na «corrida das mamãs» — mas Mrs. Darrigo afirma que se esqueceu de registar os outros três — e que este esquecimento é reparável. Está agora tentando conseguir das autoridades que consideram com oti-

(Continua na página 14)



A «Dama do Urso» em Londres

As mulheres que passeiam com feras e outros bichos

ou a moda que uma portuguesa lançou em 1867

A «Dona Pato» de Campo de Ourique e a professora do cágado, da Estefânea, — A dama do urso e as proezas do leão da esposa do ministro inglês. — O susto de Miss Hugon. — O exhibicionismo de Oscar Wild. — Mistinguette e Chavallier. A clientela do «Moricny». — O banquete celebre... da «pantera assada». — Quem era a M.^{me} Carvalho.

— o focinho ameaçador de um urso — no qual faiscavam uns olhos tremendos de ferocidade... Esse transeunte, electrocutado pelo terror, quis gritar; mas asfixiado pelo susto, apenas conseguiu esboçar um gesto de fuga, atropelando, mudo, os vizinhos, gesticulando, de feições crispadas e a boca escancarada para o berro que não soltara... Contagiu-se imediatamente o pânico... Todos se voltaram; todos viram o focinho; todos se apavoraram — sobretudo quando o urso surgiu... completo, como na disposição de um ataque... Indiferentes ao perigo de serem esmagados pelos autos — tentaram sair do passeio sem que o polícia os pudesse conter — quando, atrás do urso, apareceu uma dama envolta numa capa de peles, elegante, formosa, constelada de joias, sorrindo, como que envaidecida, pela sensação... pouco suave que provocara; e com o ar normal de quem passeia com um inofensivo fox-terrier, contornou a esquina — e encaminhou-se para Pall-Mall — levando, preso à corrente, o seu urso...

Tratava-se, nada menos, de Miss Esther Rubenstein, a actriz dramática em voga, em voga pelo talento histriónico e pela habilidade das suas audácias invulgares, que passeava pelo centro de Londres, após o ensaio do Royal Theatre, a fazer horas para o *five de Clarridge*...

Comunicado o caso aos jornais — brigadas de fotógrafos partiram à perseguição do «caso»... Tiraram-se centenas de clichés... Os operadores cinematográficos tão pouco não repousaram... Miss Esther Rubenstein conseguiu o triunfo publicitário que ambicionava... Quando as autoridades intervieram — ela contestou-lhes: «O meu «Jack» («Jack» é o urso) é tão inofensivo como o mais inofensivo dos gatos. Além disso eu só saio com ele açaimado e acorrentado. Tomo a responsabilidade pelo que se passar!» E a polícia londrina... aceitou... essa cautela!

E' que não podia agir de outra forma. Se ainda o ano passado consentira que Dirsy Hugon fizesse o seu *trottoir chic* (*trottoir sem double sens!*) no Hyde Park — não acorrentada — mas seguida de um pequeno leopardo que ela chamava — quando o via demasiado distraído e distanciado, fazendo estalar os dedos; se permitia, há cinco anos, à esposa do então ministro da Marinha, o almirante Thomaz Roblerd, que exhibisse, pelos jardins de Londres, um leão de cinco meses, que um camarada do marido trouxera de Africa e lhe oferecera...

Contudo, se a Scotland Yard se recordasse as razões porque fôra depois obrigada a retirar essa licença — talvez não fôsse tão precipitada a transigir agora com o capricho de Miss Esther... O leão-cachorro da sr.^a Ministra foi abatido a tiro, no próprio Hyde Park,

◉ NTEM, antes das nove, procurámos, na Rua Coelho da Rocha, a Campo de Ourique — um dos intelectuais de mais estranho génio e erudição da nossa época — e dos mais dardejados, neste momento, pelas simpatias e antipatias da opinião pública. Fôra, precisamente, este seu voluntário, ou melhor: provocado sansebastianismo o que nos desfleixara à violação do seu isolamento de ermita, cavando o refúgio de uma gruta... num bairro populoso da capital.

O nosso esquivo entrevistado, estava nas pressas de uma visita marcada — e, sem se comprometer a uma resposta íntegra ao nosso questionário — enganchou o braço no nosso braço — e disse apenas que cavaquiaríamos pelo caminho... A primeira nota pitoresca nos alertou, desempastelando-se do espectáculo vulgar do bairro, aquela hora de azáfama matutina, foi a de uma quarentona *coquette*, embora berrantemente plebeia, que vinha das compras, para o almoço, com um saco de oleado, bem recheado, enlaçado no braço direito — e um pato alvíssimo, dir-se-ia vestido de arminho, um pato inverosimilmente adestrado no sport... pedestre pela velocidade com que dançarinhava as suas passadas aleijadamente charlotes, correndo quási, para acompanhar a matrona — que o levava preso, pela mão, como se levava um cachorro, com a diferença de, em vez duma correia, o segurava por um fitilho de seda azul, atado no longo pescoço do bicho...

«Estranho protocolo o desta dama — para conduzir à morte — ou antes: ao forno da cozinha, o pobre animal! — comentámos nós.

E o nosso companheiro elucidou-nos: «Equivoca-se. Este pato, poderá morrer de tudo — de pneumonia, de indigestão, de velhice — menos da morte natural... dos patos — que é da degola para depois serem exibidos numa travessa, doirados, magestosos, entre uma multidão de batatas aloiradas... A dona é uma viuva sem parentes, sem filhos,

sem amizades — egoista, desconfiada, assustadiça... Criei o pato desde pequeno. Trata-o como a uma criança mimada... E' o seu único companheiro. Creio que êle dorme na sua alcoval! Mas não lhe bastavam essas intimidades... Afligia-se em sair — e deixá-lo abandonado em casa... Didiu-se a levá-lo consigo — quando, por passeio ou necessidade tem que sair... Muita gente julga que, neste exagero de amizade — existe algo de exhibicionismo, uma excentricidade forçada — premeditando a notoriedade, os olhares das gentes que passam... Talvez um pouco de ambas as coisas...

«Mas não julgue que a «Dona Pata» (a «Dona Pata» é o nome que lhe dão aqui, em Campo de Ourique) é *specimen* único... Conheci, há tempos, na Estefânia, uma professora — aliaz de idade balzaqueana ainda (trinta anos) e formosa sem artificios — que ia para a sua escola, arrastando atrás de si, um cágado que — como o pato, para esta velha constituía tóda a sua família... O cágado acompanhava-a numa pressa fantástica, familiarizado já com a vida das ruas — como qualquer *lulu* habituado a passeios. E mais: graças a esta extravagância a professora a que me refiro — conseguiu, um pouco fora de tempo, um casamento valioso e brilhante...»

* * *

Este minúsculo episódio não nos inspiraria um artigo se, pouco antes, não tivéssemos lido no «Daily Express» o seguinte *fait-divers*:

«Ontem, cêrca das 3 da tarde, esboçou-se um pânico em pleno Piccadilly-Circus-esquina Oxford-Street. Aglomerara-se no passeio uma verdadeira multidão — aguardando que o *policemen* erguesse a sua luva branca para estacar os autos, abrindo uma clareira por onde pudesse atravessar — quando um dos transeuntes, esguelhando o olhar vê surgir do ângulo da praça para Oxford

por um guarda, quando, ao crescer um pouco, quando, os instintos se aguçaram, se lançou sob um *baby* que traquinava, rasgando-lhe as tenras carnes com os seus dentes... recém-nascidos; e quanto à pantera Dirsy Hugon — foi a própria dona que, após uma noite de angústia, bradou por socorro, para que a levassem — na certeza de que, por um pouco lhe ficaria nas garras que lhe despontavam... Miss Hugon viera do seu habitual passeio — e ao entrar em casa notara na sua espectacular *companheira* certo nervosismo, uma agitação, uma rebeldia absolutamente inéditos... Vislumbrou o perigo — mas afastara-o do espírito — como uma ideia ridícula. Ao jantar — a pantera costumava enrodilhar-se a seus pés, abocando guloseimas... Naquela tarde tentava em ficar entre portas, fitando-a fixamente. A primeira desobediência Miss Hugon ralhou-lhe — e ameaçou-a com uma chibata... teórica! Foi quanto bastou para a fera oculta no bicho-mimado e dócil se enraivecasse e despertasse, pulando, num esbôço de salto e arreganhando-lhe a dentuça!

Fazendo das tripas coração — perdoem-nos o plebeísmo da frase — Miss Hugon fingiu não se assustar — mas recolheu ao quarto e ordenou à criada que a acompanhasse, fechando-se por dentro. Na primeira hora a fera andou à solta, pelo palacete, sem grandes manifestações. A meio da madrugada, como não lhe abrissem a porta do quarto onde costumava dormir — deu largas às fúrias, atirando-se contra as portas, num desespero, numa ansiedade louca, numa sede infernal de sangue!

«Foram as horas mais angustiosas da minha vida! — confessou depois Miss Hugon que bem caro ia pagando a sua vaidade, o seu exibicionismo ex-cêntrico.

No fundo, todos estes caprichos exteriorizam esses apetites de exibicionismo; atracção de olhares...

As populações de todas as grandes cidades civilizadas, embora não tenham passado pelo frigorífico da educação inglesa, são pouco sensíveis. Difícilmente a imaginação consegue causar-lhes uma surpresa, provocar-lhes uma sensação de pânico, enervá-las — obrigá-las a quebrar o ritmo apressado do seu passo, a fixidez hipnótica do seu olhar. Conta-se que Oscar Wilde — que, à força de *surprender*, de *desiquilibrar*, os seus fleumáticos compatriotas, pelo escândalo, acabou por os irritar — cometeu, um dia, a audácia, à hora do «corso» elegante, em que os *lords* abandonam as carruagens e vão, a pé, até aos seus *cercles*, para terem o pretexto de saudarem — com deschapeladas vistosas e curvadelas de espinha — mas sem uma paragem, as *ladies* louras, sumptuosas e frias como o mármore — cometeu a audácia, dizíamos, de se pavonear por Piccadilly Street, trajando uma sobrecasaca, aretalhada de andrajões, enxadrecada de remendos, que mandara fazer ao alfaiate mais aristocrático de Pall-Mall — calçando botas de lustroso polimento; fazendo centilar, sob a seda negra do seu *plastron* impecável, uma pedra preciosa; o monóculo falcando sobre o pupila azul; e um chapéu alto, parente próximo da sobrecasaca, amolgado, a seda arrepiada, ridículo como o de um *clown*. E aquele cortejo, infundável, luxuoso, imperturbável, rítmico, mecanico, desorientava-se, pasmava, esgaseava os olhos, estacava, muda, embasbacando — e embora depois se envergonhasse ao recordar o seu gesto... Era possível que um... Wilde... o Oscar Wilde, um *gentleman* do mesmo

quilate fidalgo, a que eles pertenciam, um homem que trepara à fama pelo talento (embora eles, os *lords* e as *ladies* descordassem da sua obra) surgisse assim, no centro de Londres — aquela hora? Seria *whisky* a mais, após uma orgia em qualquer *cabaret*? Loucura súbita *déle* — ou loucura colectiva, deles todos, os que o estavam vendo?

Era apenas Oscar Wilde a mangar com a sua própria classe — e, sobretudo, na sua ansia de exibicionismo, a procurar que o vissem, que o notassem, que o discutissem. E se um espírito como o do autor do «Marido Ideal» é gafado de tais fraquezas — como não compreender essas mesmas fraquezas em mulheres que buscam na vida apenas a glória da admiração, pelo menos da curiosidade dos outros?

Esta exibição de animais pelos centros das cidades é mais antiga do que se julga. Houve uma *vedette* do cinema



Madame de Carvalho

alemão que se lançou — pavoneando-se pela Unter-den-Linden, de Berlim com uma cegonha; uma *cocotte* austríaca, que, dizem, foi amante de certo soberano... — e que era conhecida, na Cote-Azur pelo epíteto de Mlle. Kong-Mong — porque trouxe ao colo, durante meses, um *kong-mong* — pequeno crocodilo de lento crescimento.

Mistenguette, a velhíssima jovem artista dos *music-hall* de Paris, que ainda hoje, aos sessenta e sete anos — se gaba de possuir as pernas mais helenicas ou *mais-capa-de «La Vie Parisienne»* ou — traduzindo-as para português — «pernas desenhadas pelo Stuart» —; a que conheceu Chavalier, quando *galucho*, se apaixonou por ele, fez dele o que Chevalier foi e é hoje, que foi Sua Espôsa, Amante e Mãe, durante 15 anos, Mestre e *Manager*, quem lhe profetizou as suas virtudes artísticas, os seus triunfos e glórias; quem o impoz aos empregários, quem o acartazou e o lançou (o autor deste artigo foi seu vizinho, no último ano da vida comum de Mistenguette e Chevalier — 1919 — de janelas em janelas, no Boulevard des Capucines, vivendo *êle* no 1.º andar do n.º 42 e *ela* na sobreloja do 37 e conheceu um pouco do mimo de algodão em rama com que a velha cercava a existência do jovem, e a gratidão risonha... quasi filial com que o jovem a premiava) — Mistenguette, a que tão heroica e sacrificadamente se soube apa-

gar da vida de Chevalier quando este se apaixonou pela sua ex-apaixoadora espôsa Valée... — Mistinguette, iamoz dizendo, sofreu também um pouco a feramania... Passeou, pelos *boulevards* com um pequeno tigre, em 1908 (Veja-se fotos de *Je sais tout* da época) e com um leão autêntico em 1917 (Veja-se «Petit-Journal»). Mas o melhor episódio... zoológico da criadora (com Max) da célebre «Valse Apache» — está ligado a um restaurante do Boulevard St. Martin — o célebre — *Marigny*.

«Marigny» foi, durante anos, uma *boite* afamada, sim, mas sem luxos... A sua clientela — a sua *especialidade* eram artistas de circo, os «grandes números». Orquestravam-se todos os idiomas em redor das suas mesas. A primeira vez que lá entrámos — ciceronados pelo saudos escultor luso-parisiense — Ruy Teixeira Bastos — que se suicidou o ano passado, em Lisboa — gozamos a mesma sensação de que numa visita à mais complexa Babel! Foi em 1918! Há quasi 17 anos! Vimos anões, gigantes, curcundas, monstros de gordura, esqueletos de ossuras bem visíveis... «— Aquele é Z. «O homem Bala», o que se mete numa peça de artilharia e é disparado para a cúpula!» — Aquele outro — é W... O que, numa pista, se fecha na jaula de um tigre, cobrem a jaula e quando a destapam só aparece o tigre!» «— Vês aquela loira... além? E' Fraulein X... Grande número... Dez minutos emergida num enorme cubo de água, trabalhando com crocodilos adestrados...»

De tempos a tempos entrava um cavalheiro, um diferente do «tipo» da clientela — um cavalheiro dum superioridade magestosa, pelica, charuto, dedos a pirlampiar pedras preciosas: era o empregário do *Cirque Royal* de Bruxelas, ou de qualquer circo de Londres, Budapest, Copenhagen, Leipzig, Milão — que vinha recrutar um número sensacional para o seu novo programa da próxima temporada... Apercebia-se a sua categoria — pelo movimento da freguesia, do alar de toda aquela gente, pelos cochichos, pelos esgares, a fingirem sorrisos, dos rostos retalhados de traços, dos *clowns*, pelos lampejos de esperança... num contrato — dos olhares dos monstros — pelo ar desdenhoso... e «caro» dos «grandes números»...

«— Era aqui — informou o querido Ruy Teixeira Bastos — que o Conselheiro Santos, do Coliseu dos Recreios de Lisboa, todos os anos seleccionava os seus elencos!

Pois bem. Um belo dia — precisamente nos finais de 1919 — o dono do «Marigny» de St. Martin não confundir com o que já serviu de palco a uma novela de Dekobra) resolveu transformá-lo em *rendez-vous* dos «Grand-duques» da post-guerra — que eram os americanos. Era preciso uma fanfarrá ruidosa e chamativa — para início. Encontrou-a: daria um banquete magestoso, reunindo o *tout-Paris* — teatro, letras, artes, diplomacia, aristocracia, cosmopolitismo — mas esse banquete devia marcar por algo de inédito... de sensacional! O director era amigo de Mistenguette... Associou-a ao negócio — contra uma ideia. E Mistenguette entrou com a seguinte e corajosa *trouvailla*: «Marigny» daria, no *menú* desse banquete — como petisco máximo — uma *pantera assada*. Certo sábio da gastro-nomia ofereceu-se para a preparar. Foram consultados veterinários... por causa das dúvidas. Que não havia pe-

(Continua na página 8)

HOMENS DA SEMANA

(Continuação da pág. 4)

nos crueis, desnecessariamente — devido sempre às atitudes que amigos e inimigos tomaram.

Não somos musicógrafos — nem assistimos a concerto em questão. Conheçemos Ruy Coelho, conhecemos o público, conhecemos amigos e inimigos do maestro — e escutam o que se cochichou ou berrou pelas tertúlias; e isto nos basta para formular uma opinião — para termos uma certeza.

Começemos por Ruy Coelho. Não hesitamos a empoleirá-lo entre os maiores músicos portugueses — único na sua coragem, único nas qualidades e defeitos. Como homem é, natamente, um impulsivo, mas com um dinamismo de vontade pouco lusitano. A sua carreira, os seus estudos, na Alemanha — definam-no. Ele queria possuir todos os segredos da Arte que o fanatizava — e queria ir a Berlim — como os cristãos aspiram a Roma! Os episódios dessa sua estadia na capital germânica davam uma obra! As meçadas insignificantes, rareavam — até deixarem de vir... Meses e meses — a crédito na pensão. E o Ruy para apaziguar as cóleras da patroa falava-lhe dum padrinho, arquimilionário, que o subvencionava com milhares de marcos. «Deve estar ausente de Lisboa — explicava. Mas vai ver... logo que chegar manda-me o suficiente para eu viver dois anos!» Quando a mentira ameaça estalar — Ruy ouve a patroa, alvorçada, bater-lhe à porta do quarto. «Herr Coelho! Uma carta registada para si!».

Ruy, estonteado, abriu-a e dela, como dum bruxedo de magia, caíram bategas de notas! Donde vinha aquele dinheiro? Ignorava-o! Mais: não acreditava no que estava vendo! Não sendo um milagre — era, pela certa engano do carteiro. Mas não perdeu a calma... «— Já vê a senhora que eu não mentira! Foi o meu padrinho que chegou! Agora vai ser isto todos os meses!»

A patroa viu, dum relance, que tinha conseguido um hospede como poucos existem! «Quer que eu lhe pague já o atrasado e... o futuro?» — perguntou Ruy. «— Não senhor! Há tempo! Há tempo!» Tanto tempo que, como nunca mais tornou a receber dinheiro de Portugal — por um triz, e pela meticulosa honestidade de Ruy a dívida ficou liquidada!

Tinha sido um brasileiro ricoço que, ao saber, em Lisboa, a sua situação — lhe enviara aquela pequena fortuna...

Ruy voltou involuntariamente germanizado — mas mantendo, mais ardente ainda, o seu portuguesismo, o seu nacionalismo. O seu sonho é considerado inadaptável. Fazer música portuguesa — fora da espontaneidade plebeia do que agrada ao vulgo? Hum! Ele teima, intolerante, germânico... As vezes, para demonstrar que também sabe fazer da outra — apresenta-a e agrada...

Foi reger a orquestra de Casals. Casals conquistara a plateia. As primeiras peças que reger — entre as quais, algumas suas — foram aplaudidas. Veiu um fado — também da sua autoria. Disseram que era um fado... acadêmico. Deve ser exagêro. Mas, não o ouvimos. Houve quem pedisse bis. Houve quem protestasse. Ruy — bisou. Iniciou a tempestade. Ao terminar alguns amigos insistiram nos aplausos. Ele trizou. A tempestade tornou-se ruidosa e desagradável... Por fim Ruy pede silêncio. Faz-se silêncio. Ruy grita: «Viva Portugal». Mas a tempestade continuou.

Nos jornais mal se tocou no assunto. Nos cafés, sim... Que os amigos tinham sido imprudentes! Que êle imprudente fôra também. Que aquele fado entre Beethoven e Wagner era uma provocação!

Fôsse de quem fôsse a culpa, sendo o espectáculo dum estrangeiro — artista illustre e gentil — gentil porque cedera o seu lugar e os seus músicos ao camarada nacional; o incidente é *gauche* — é muito amargo.

«— Mesmo aquele próprio «Viva a Portugal» foi inoportuno! — opinaram alguns. — Isto de tapar fracassos — justos ou injustos — com excitementos ao patriotismo — não só não calha como podia, naquele momento, aparentar desprezimento ao maestro espanhol...»



O CALIX DAS FLORES

DÁ ESTA CERA MÁGICA DE BELEZA

SUPRIME AS MANCHAS VERMELHAS E OS VESTÍGIOS DAVELHICE



Visitando as regiões do Meio-dia da França, onde são fabricados os perfumes, ouvi falar das surpreendentes propriedades de embranquecer a pele, com uma cera pura e virgem, extraída do calix das flores. Um Doutor explicou-me que empregada à noite, antes do deitar, esta substância untuosa chamada «Cire Aseptine» amolece a camada externa rugosa da pele e fá-la destacar-se em finas partículas. De manhã, poderéis tirá-las lavando a vossa cara, revelando assim a nova beleza natural duma pele branca que se encontrava escondida até então. Os pontos negros, poros dilatados e imperfeições da tez desapareceram. A Cire Aseptine transformou tão maravilhosamente a minha pele sombria e crivada de manchas numa pele branca, aveludada e duma frescura juvenil que actualmente a emprego também para os meus ombros, braços e mãos. E' realmente para a pele, um banho mágico de beleza, muito simples, de emprêgo fácil, e dos menos custosos. Pode agora, obter esta pura Cera Aseptine, na vossa farmácia ou perfumaria habitual.

A' venda nos bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Aseptine, de Lisboa — Rua da Assunção, 88 — (Secção X), que atende na volta do correio.

Falámos com Ruy: «— Não discuto o assunto! Sei que foi preparado tudo, pelos meus inimigos! Se dei o «Viva a Portugal» foi para simbolisar, neste grito, a minha revolta. É que aquela gente esquecera-se que eu era português a reger uma orquestra espanhola! Devia, pelo menos, lembrar-se desta circunstância.»

Julgamos que assim, às claras, e não pelos cantos dos cafés, ou mentindo ou ocultando nos jornais, é que a questão devia ser exposta. E é assim que continuaremos a expor todos — se Deus Nosso Senhor nos der vida e... o resto, para o fazermos.

O mais extravagante dos testamentos!

(Continuação da pág. 11)

mismo o seu pedido. Se assim for — logo que nascer o bebé que espera para este mês ficará em igualdade de circunstâncias com Mrs. Kenny. E como ela afirma — não sabemos com que base — que devem ser dois ou mesmo três, ficará à frente das concorrentes!

A nota final aparece com a anunciada tentativa para fazer com que Mrs. Dionne, a mãe de cinco filhas gêmeas, — cinco só dum parto! — entre à última hora no concurso.

Mrs. Dionne, é canadiana — franceza, esposa dum lavrador cujas cinco filhas gêmeas causaram espanto mundial, há meses, vive em Ontario, provincia da qual Toronto é a capital.

Fazem-se esforços entusiasticos, dizem, para contar as várias estadias que ela tem feito em Toronto — para que a considerem apta ao prémio! Se o conseguirem Mrs. Dionne deve ganhar. Teve seis creanças antes do último molho de cinco e espera novos gémeos para breve — uns quatro, pelos menos — insinua...

O prémio de £ 100.000 seria, no entanto, um simples e agradável «extra» para a familia Dionne, porque, desde a chegada, o ano passado, dos cinco bebés ao mesmo tempo — já ficaram regularmente ricos. Ganharam mais em onze meses do que poderia lucrar em toda a vida. Teve que ser nomeado um concelho de tutores para superintender os negócios mundanos e financeiros das pequenas e colocar o dinheiro, que jorrou para a familia, em «bons negócios».

Este concelho tratou dos direitos dos filmes em que as exhibiram, da venda de fotografias para os jornais, e especialmente de contratos de publicidade com fabricantes de farinhas e de outros produtos de alimentos para creanças — o que trouxe um rendimento de £ 4.000 por ano. A alimentação e responsabilidade dos bebés também já não está a cargo dos pais. Cada creança dorme e vive em quatinhos separados num pavilhão particular do hospital, especialmente construído pelo governo Camarário. Os ordenados das enfermeiras e médicos que as cuidam são pagos pelo conselho. Mr. Dionne foi recentemente «persuadido» a recusar uma oferta de £ 2.000 para mostrar durante algumas semanas numa exposição americana! Mesmo sem a possibilidade de ganhar as £ 100.000 de «Charlie» Millar, a familia Dionne pode facilmente rir-se de tais ofertas!

Pena é que esse maduro não tivesse oferecido tal prémio às mãis portuguesas! Creio que a emoção da expectativa seria mais forte ainda...



Guerra do Chaco

(Continuação da pág. 7)

porque conhecem a sua força sobre as massas. Mas—mesmo que não o temessem como inimigo: não o podiam dispensar como colaborador. É inciclopédico. Como jornalista e como pregador da «guerra... quasi santa»—lançou o fogo das vitórias contínuas. Como auxiliar do comando improvisa novas ciências bélicas que os generais acolhem pasmados—e que são o segredo de todos os triunfos. Como diplomata—estoura todos os atritos internacionais, pula sobre as convenções, agita as chancelarias, subjugava-as.

«Pois bem: calcule V. meu pasmo ao ver Heliadorado Celebrina... em Lisboa—jantando no «Leão d'Oiro»...

—Mas... é aquele? indaguei, surprehendido.

—E!

—O que faz no nosso país?

«—Também me intriga este facto—algo inexplicável. Também o interroguei a esse respeito... Sorriu-se, esboçou um vago gesto—e mudou de conversa... Mas...—eu já sei o que V. quer... É ser-lhe apresentado... Venha comigo...

Um minuto bastou para que...—esperem—Heliadorado... Celebrina—uff!—se collocasse posição de entrevistado:

«—A guerra, para nós, paraguayos, é uma fatalidade histórica—tão repetida (mesmo para além dos séculos que os historiadores orientais (orientais... europeus) ignoram—que a encaramos com a máxima serenidade, quasi como um sport onde... são frequentes os desastres, os sacrificios. A guerra com a Bolívia era inevitável... mais dia... menos dia—ela devia estourar—até para tranquilidade dos dois povos; até para que ambos sássem dum estado permanente de mal-estar que durava há anos—e iniciassem uma época de harmonia que, sem a cruel desilusão que os bolivianos estão sofrendo—nunca seria possível.

«A causa da guerra? V. deve ter lido os boatórios internacionais... Chaco... o petróleo... os potentados da gazolina... a eterna rivalidade entre os trusts norte-americanos e ingleses... No fundo—nós, no Paraguay, não usamos disfarces nem tubecemos as verdades—algo existe, que nós não creamos, que não nos influenciou, que não nos orienta... Que um dos dois trusts joga com a Bolívia—é certo... Que outro acalenta esperanças sob o meu país—não o nego... Que a Bolívia se quedava nas mãos desse trusts—que a ajuda—caso ganhasse o Chaco—sei-o eu! Que o Paraguay, mesmo aceitando o auxilio do outro—é uma hipótese, hein!—jamais transigiria com elle, após—victoria—também lhe aseguro. Ah! O Paraguay... é Paraguay!

«Necessitamos armas, munições, mil e uma coisa—rios de dinheiro em suma... Há quem nos ofereça? Ridículo seria recusarmos a aceitá-lo. Mas... sem condições... No Paraguay todos nós amamos a vida—e desprezamos a morte—tal qual nossos avós, há dez séculos! Ouviu falar da célebre guerra do

tempo do general Mendonza (indio era) contra os três países entre os quais, uma potência como o Brasil... Quando ela terminou—os estrangeiros que atravessavam a República só viam mulheres... e crianças e velhos. Todos os homens válidos tinham desaparecido... E contudo trinta anos depois—essas crianças, filhos, netos dos combatentes de então—formam o exército que bate a Bolívia... Sinceramente: não é grande glória vencer a Bolívia... Os Bolivianos não são aguerridos. Vivem isolados do mundo—e sem fundas raizes de raça—nos altíssimos montes onde se estabeleceram. Uns metros mais—e formavam a pátria noutro planeta! As tropas que enviam para o Chaco gastam mais duma semana de fatigante caminhada. E descem das montanhas—como mudassem de astro... E não têm sangue de guerreiros... Nós—lutaremos até ao último soldado!

«Além disso—não têm chefes... não têm diplomatas... O Paraguay despe rapidamente a farda de soldado e enverga a casaca e maneja as chancelarias... A eles falta-lhes já material... A nós—não nos faltará nunca! Irems buscá-lo onde fór preciso... Como? O parlamento inglés? A Sociedade das Nações? Oh! Meu caro senhor...»

Calou-se. Foi o primeiro silêncio da sua palestra... Deu-se uma metamorfose íntima—que só um ligeiro movimento de pálpebras denunciou. Depois:

«—E' tudo quanto posso dizer-lhe... Cheguei há três dias... Parto amanhã... Os meus secretários aguardam-me no hotel...

Trancara a entrevista. Ergui-me...—mas não pude conter a pergunta que me passeava na cabeça desde o início...

«—Veiu a Portugal em missão de...?»

Franziu o sobr'olho; ergueu-se também—e entregando o sobretudo ao criado para o ajudar a vestir—concluiu:

«—Vim à Europa! Missão official! O seu país é encantador! Estive ontem nos Etoris! Que maravilha! Quem me dera poder... repousar uma semana só que fosse, neste país! Y tantissimo gusto, compañero... Yo tambien soy periodista...»

Rideau!!!

R. F.

As mulheres que passeiam com léras e outros bichos

(Continuação da pág. 12)

rigo! Um êxito de concorrência—mas... quando as travessas com a pantera, feita em fatias apareceram—nem um só dos convivas tomou a iniciativa de a provar. Foi então que Mistenguette, com o ar natural de quem se serve de um bife—enchou o prato e comeu jurando que o petisco estava delicioso... «—Parece-me que melhor ainda do que a leão que comi, em Xangai!»

Dois detalhes ainda—para terminar. A primeira artista que se exhibiu em público com uma fera... foi uma dama que usava apelido português: M.^{me} Carvalho... M.^{me} Carvalho foi uma das mais discutidas intérpretes do Fausto em Paris. Era casada com um português fidalgo—Diniz Rochetta Menezes de Carvalho—e era digno daquela galeria de «portuguezes-famosos do cosmopolitismo parisiense» de que Eça e Ramalho foram biógrafos e que o próprio Camilo espreitou—no seu ensaio sobre o macaista Colaço! Milionário, dandy, pagando, até pelo preço do casamento, os seus caprichos, com o casamento pagou o interesse que lhe despertara a soberana em moda que ficou, nos cartazes, sob o nome de M.^{me} Carvalho... M.^{me} Carvalho, a melhor Margarida do «Fausto»—segundo a opinião dos críticos—passeou em Paris, em 1868... com um leão—um leão manso e doce como um cordeiro, oferecido pelo marido. Calcule-se, em pleno 2.^o império e sendo a cantora favorita da imperatriz—o escândalo que esta afoiteza não causou e o que não diriam os panfletos clandestinos da época!

Como último exemplo—outro compatriota nosso—aliaz também cantor—ou pelo menos como tal se intitula: o ultra ridículo fantoche, calculista e cínico Romão Gonçalves—qua ainda há dias, não sabemos se para reclamar o seu famoso «dó de peito» se para agrandar clientela para o seu licor, cibandou pelos cafés de Lisboa (e a seguir pelos do Porto) escoltado pela garotada e pelos papalvos, exibindo, ao ombro, uma espécie de lagarto adestrado que lhe obedecia e praticava mil habilidades.

R. X.

Brevemente

Jornal do meio dia

Alimentação Económica	Director: Frederico Monteiro	Redacção e Administração: Rua da Boavista 30 - LISBOA
-----------------------	------------------------------	---

Écos, Comentários e Notícias em 1.^a mão

Colaboração: A. B. C. D. E. F. G. H. I. J. K. L. M. N. O. P. Q. R. S. T. U. V. W. X. Y. Z.

Ultima Hora

Quando está a chegar?

ARTIGAS

Quando está a chegar?

«QUINTA BELA»

Um título romântico? Não!
Uma marca!

Pôrto... «QUINTA BELA»

É um Pôrto que é... Pôrto!!!

E tanto assim que os apreciadores só bebem

«Quinta Bela»

TAVORA

Rua do Alecrim, 69 — LISBOA

Móveis, Estofos

e Decorações

Não basta adquirir mobília,
é sempre preciso bom gosto

Especialidade da casa

Manuel Cordeiro

Facilitam-se pagamentos

Secção montada para fornecimento para toda a Província

Rua de Belem, 80-82

Telefone: Belem 237

LISBOA

Venereologia e Sífilis

Dr. Campos Rocha

Consultório:

R. do Ouro, 266, 1.º Lisboa

Clinica Geral

Dr. Mário Teixeira Bastos

Consultório:

Rua Garrett, 17, 2.º, D.º

LISBOA

BRANCO & IRMÃO

Posto Emissor C.S. 1-B.1.

Aparelhos de T. S. F.

Reparações • Para-Raios • Antenas
Perfumarias e Novidades

Telefone 6114

86, Rua de Santo Ildefonso, 88

PORTO

A casa preferida pelos bons radiófilos

Colecção "Amanhã"

O 1.º livro intitula-se

DEZ NOVELAS

DEZ NOVELISTAS

Grande êxito
de livraria

Está á venda em todo o País

Director: MIGUEL CRUZ

Rua Diário de Noticias, 113

CAFÉ GLOBO

Aberto tóda a noite

CEIAS — Preços populares

RUA DOS CONDES

Restaurante PRIMAVERA

Um canto discreto. — Optima cozinha. — Petiscos sempre variados. — Clientela sempre selecta. — Preços económicos

Travessa da Espera — LISBOA

António d'Oliveira

DOURADOR

RUA LUIZA TODI, 10, 2.º, D. — LISBOA — Telef. 2 2938

PALMILHA PARA CALÇADO

Timbragem a ouro fino ou a côres, o mais perfeito e o que com mais vantagem, substitue a etiqueta de papel

Preço: Desde \$15 o par

ABADIA

Restaurante genero «Normande»

Especialidade em mariscos, cervejaria e «charcuterie» Alemã

36 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 40